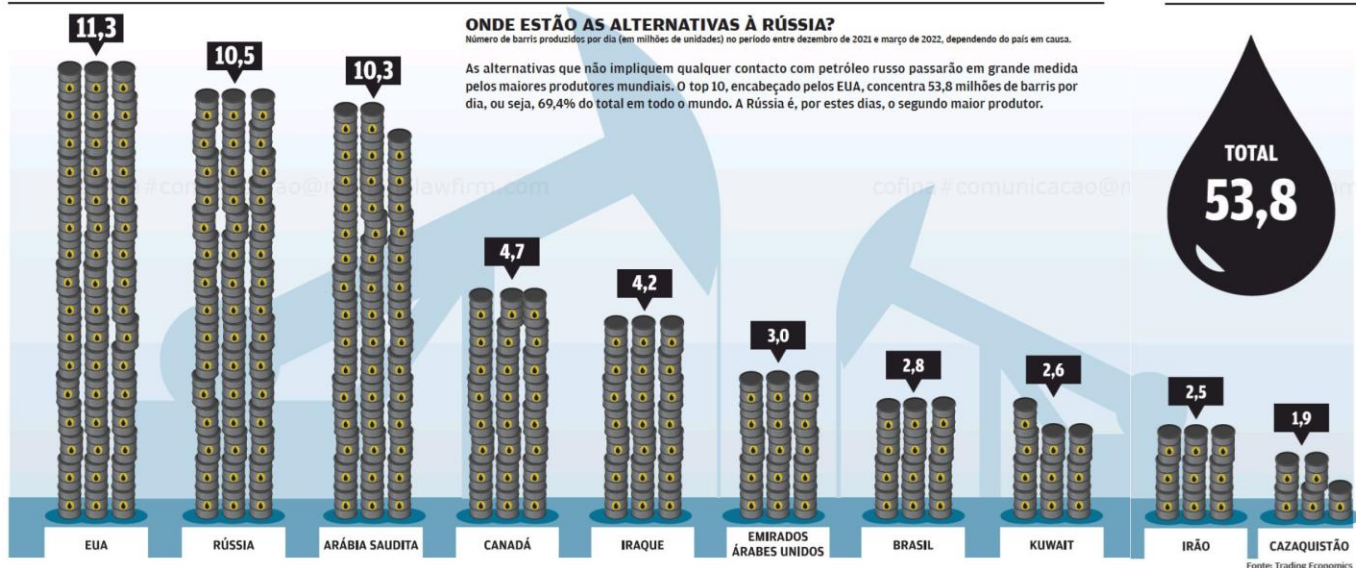


PRIMEIRA LINHA CRISE ENERGÉTICA



1,5
MILHÕES DE BARRIS
Em abril, os EUA já exportaram crude para a Europa.

70€
POR BARRIL
É o preço que a Índia exige à Rússia para comprar o seu crude.

10,5
MILHÕES DE BARRIS
A Rússia é o segundo maior produtor de petróleo do mundo.

UE arrisca comprar petróleo russo de forma encapotada

O Kremlin já avisou Bruxelas: os países europeus podem até embargar o petróleo russo, mas “vão continuar a comprá-lo através de países terceiros e mais caro”. Os analistas confirmam que o risco é real. Resta saber que regras vai a UE impor para se proteger.

BÁRBARA SILVA
barbarasilva@negocios.pt

A União Europeia está cada vez mais perto de passar das palavras à ação e deixar definitivamente de comprar petróleo à Rússia, bruto e refinado, por via marítima e por oleodutos. Mas será mesmo assim? Ao proibir a compra por via direta ao Kremlin não estarão os 27 em risco de vir a “comprar gato por lebre”, ou seja, adquirir petróleo russo na mesma, mas através de países terceiros?

Alguns analistas apontam este cenário como muito provável, tendo em conta que já hoje “é uma prática comum nas transações físicas do petróleo” que circula pelo mundo. “Desde que sai de um qualquer destino, de um qualquer porto, um navio-petroleiro pode mudar de dono várias vezes. É uma prática corrente”, admitiu ao Negócios o secretário-geral da APETRO, António Comprido, acrescentando: “Resta saber que regras implementará a UE no terreno para evitar que isto aconteça, já que as transações petrolíferas têm processos administrativos muito complexos.” Questionada sobre este tema, a Comissão não respondeu ao Negócios até ao fecho desta edição.

Para Nuno Antunes, sócio da

Miranda Associados e co-coordenador da área de Energia, não deverá ser a UE a policiar a origem do petróleo que os Estados-membros compram, mas sim os próprios países a encontrar fornecedores alternativos e a implementar mecanismos de rastreamento. “Se votarem sim ao embargo, têm de garantir que não vão comprar petróleo russo encapotado. Não sei se é possível a 100% e não será fácil, mas é a sua obrigação”, defende.

Entretanto, a própria Rússia admitiu o risco de “embuste”, em resposta às ameaças de Bruxelas. Os líderes europeus “estão um pouco loucos. Dizem que não vão comprar o nosso petróleo. Certo, não o compreem, não o vamos impingir. Mas acreditem que vão continuar

a comprá-lo, apenas será através de países terceiros. O nosso petróleo será o mesmo, apenas mais caro”, disse Vladimir Dzhabarov, primeiro vice-presidente da comissão de Assuntos Internacionais da câmara alta do Parlamento russo, em declarações à agência RIA Novosti. Esta “ameaça” surgiu na sequência do embargo gradual aos produtos petrolíferos russos, incluído esta quarta-feira no sexto pacote de sanções à Rússia. A medida ainda está por aprovar pelos 27, mas a Alemanha veio já anunciar o seu total apoio a esta decisão. No Parlamento Europeu, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, estabeleceu um prazo de seis meses para os 27 acabarem com as importações de

petróleo (crude) e de um ano para os produtos refinados. A única exceção é para a Hungria e a Eslováquia, cujo prazo será estendido até

“
Estão loucos. Não vamos impingir o nosso petróleo. Mas acreditem que vão continuar a comprá-lo”

VLADIMIR DZHABAROV
Alto responsável da Rússia

ao final de 2023.

“Sejam os claros: não será fácil. Alguns Estados-membros são muito dependentes do petróleo russo. Mas temos de avançar e vamos propor um embargo. Só assim conseguimos maximizar a pressão contra a Rússia”, disse Von der Leyen.

Enquanto isso, países como a China e a Índia estão a aproveitar o contexto para comprar petróleo russo a preços muito mais baratos. No caso de Pequim, por exemplo, são sobretudo refinarias independentes que estão a fazer discretamente estes negócios, para não implicar o governo. Quanto à Índia, já veio exigir que a Rússia pratique preços abaixo dos 70 euros por barril para escoar o seu petróleo.

Em Portugal, fontes próximas do setor petrolífero confirmam que estes “esquemas” existem e são conhecidos globalmente, sendo mesmo praticados há várias décadas, desde os tempos dos embargos impostos ao petróleo iraniano e de muitos outros países do Médio Oriente, por exemplo.

Na prática, os incunpridos continuam a comprar petróleo aos países sancionados, que transportam para refinarias em

várias geografias e o misturam com crude de outras proveniências, que pode ser logo imediatamente refinado e revendido sob vários formatos.

A mesma fonte diz, por exemplo, que neste momento nada impede uma empresa de um país que não tenha imposto qualquer embargo à Rússia, de encher um megapetroleiro no país a preços de “saldos”, estacioná-lo em águas internacionais e vendê-lo depois muito mais caro nos mercados de futuros, onde os preços continuam em alta.

Nuno Antunes é mais otimista e na avaliação que faz das sanções europeias impostas à Rússia diz que “têm sido feitas passos a passo para que tenham de facto um efeito real”. Nas exceções concedidas à Hungria e Eslováquia, por exemplo, está previsto que estes dois países continuem a abastecer-se na Rússia, mas não podem revender qualquer tipo de produtos a outros países da UE. “A votação do embargo só terá sucesso se houver estes mecanismos de proteção”.

Quanto a alternativas, Bruxelas pode socorrer-se de outros grandes produtores de petróleo, como os EUA, a Arábia Saudita, o Canadá ou o Iraque. ■